

MARIA PARA HOJE



Coleção **FIDES QUAERENS**

- *Maria para hoje*, Hans Urs von Balthasar
- *Verdade é sinfônica (A): aspectos do pluralismo cristão*, idem
- *Vida a partir da morte*, idem

HANS URS VON BALTHASAR

MARIA
PARA HOJE



PAULUS

Título original:

Maria für heute by Hans Urs von Balthasar

© Johannes Verlag Einsiedeln, Freiburg (1984, 31997)

Tradução do alemão: *Ney Vasconcelos de Carvalho*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

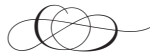
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4449-6

I.

NO DESERTO

1. A MULHER E O DRAGÃO



A melhor forma de começar a aprender sobre Maria e sua relação com os tempos atuais está na leitura do capítulo 12 do livro do Apocalipse: essa questão se encontra no centro deste que é o último livro da Bíblia, e que lança um olhar sobre o drama da história do mundo.

O “sinal grandioso no céu”, a “Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”, mas gritando, atormentada, entre as dores do parto, é, sem dúvida, em primeiro lugar, Israel, o povo de Deus, padecendo as dores do nascimento do Messias. Ele deve dar à luz alguém que é, porém, muito mais do que um ser humano comum: de que forma isso deve acontecer, então? E as dores não são apenas internas: a elas soma-se a incomensurável angústia diante do monstro, um grande Dragão cor de fogo, com suas sete bocas escancaradas, pronto para “devorar o filho, tão logo nascesse”.

Mas é na flor mais sublime de Israel, na essência de toda a sua esperança e de toda a sua fé, que tem lugar o nascimento do menino, que, como afirma o salmo, “irá reger as nações com um cetro de ferro”, ou seja, que recebe de Deus o poder absoluto sobre a Criação. O poder, inclusive, sobre a morte, sobre o fato de ser devorado pelo Dragão, de modo que, ressurgindo para além de sua morte, pode ser “arrebata-do para junto de Deus”. Essa plenitude da fé de Israel foi uma pessoa

determinada, chamada Maria, que concebeu na carne o Messias e com ele compartilhou, experimentando e sofrendo, todo o seu destino, até sua crucificação e ascensão ao trono de Deus. O que foi feito dela?

Primeiramente, afirma-se que ela “fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar”. No entanto, antes de sabermos mais sobre ela, há a descrição de uma batalha decisiva no céu: após o Messias ser arrebatado ao céu, Miguel e seus Anjos guerreiam contra o Dragão e seu séquito; estes últimos não conseguem resistir: “O grande Dragão, a antiga serpente, o chamado Diabo ou Satanás, sedutor de toda a terra habitada”, é expulso do Paraíso eterno para a terra, limitada em sua finitude. O céu está pleno de júbilo, mas um grito ecoa sobre a terra, pois “o Diabo desceu para junto de vós cheio de grande furor, sabendo que lhe resta pouco tempo”.

E então, o Dragão e a Mulher se encontram novamente, frente a frente; e o Dragão não tem outro objetivo além de “perseguir” a Mulher. Encontramo-nos, agora, na época após Cristo, que no Apocalipse é sempre medida da mesma forma: “1260 dias”, ou “42 meses”, ou, como aqui: “um tempo, tempos e metade de um tempo”. Isso significa um tempo que, para o homem, parece duas vezes mais longo, e que, no entanto (como se diz em outro lugar), “é reduzido (pela metade) para o bem dos eleitos”. Essa é exatamente a época em que vivemos, em que também vive a Mulher, que era Israel e que se tornou Maria, e por fim se tornou a Mãe de todos os irmãos e irmãs de Jesus. No Apocalipse, Maria se torna a Igreja, uma vez que lá se afirma que o Dragão, em seu furor “por causa da Mulher”, havia iniciado uma guerra “contra o resto dos seus descendentes, que observam os mandamentos de Deus e mantêm o Testemunho de Jesus”.

O ódio do Diabo à Igreja é tão grande pelo fato de ele nada poder fazer contra ela. A Mulher “recebeu as duas asas da grande águia para voar ao deserto”, para um lugar onde ela pudesse, a salvo da Serpente, ser “alimentada” ao longo da história do mundo. É uma segurança precária, pois “a Serpente, então, vomitou água como um rio atrás da Mulher, a fim de submergi-la”. Mas agora a terra “veio em socorro da Mulher: a terra abriu sua boca e engoliu o rio que o Dragão vomitara”.

Que situação! A Mulher está em fuga, mas é bem-sucedida em sua empreitada, uma vez que lhe foram dadas as asas da grande águia: as asas de Deus, que, como a águia, toma seus filhotes sobre suas asas, tira-os do ninho e os leva para o ar, para assim perderem o medo. Foi esse o procedimento de Iahweh para com Israel. Para os pequenos filhotes, carregados para o espaço vazio, toda essa vastidão se parece, obrigatoriamente, com o duro deserto. Mas é justamente o deserto o “lugar mais seguro”, para onde Deus leva a Mulher, e onde ele cuida de sua alimentação, de um modo miraculoso, no tempo da história, assim como alimentara Israel no deserto. Aquele era um deserto geográfico, que hoje pode ser cruzado por um avião em pouco tempo. Isso não é possível com o deserto onde a Igreja tem de morar, antes do fim dos tempos. Antes havia um êxodo em direção a uma terra prometida. Não há, hoje, uma terra semelhante prometida à Igreja. A ela é prometida apenas uma terra para além da história: um novo céu e uma nova terra.

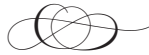
A Igreja significa uma existência entre a torrente vomitada pelo Dragão e o alimento do céu, ameaçada de morte e, no entanto, protegida em um lugar preparado por Deus; porém, uma existência, para todos os filhos da Igreja, em uma incessante “guerra” contra os poderes satânicos. A Igreja não é uma entidade distinta dos seus filhos: ela vive neles, assim como os seus filhos vivem nela, e através dela. Por essa razão, o destino deles coincide com o destino dela: eles estão expostos à ira da Serpente e, enquanto lutam, são protegidos e alimentados por Deus. “Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que a mesma espécie de sofrimento atinge os vossos irmãos espalhados pelo mundo” (1Pd 5,8s). “Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Dominadores deste mundo de trevas” (Ef 6,11s).

Trata-se de poderes cheios de cólera, e não indiferentes. Após Cristo, eles se desdobraram em uma espécie de trindade antidivina, como é descrito minuciosamente pelo Apocalipse: o antigo Dragão cria para si uma forma dominadora da história do mundo, a Besta, que surge das profundezas do mar, na qual ele “é adorado”, e a quem é dado o poder

“para guerrear com os santos e vencê-los”. A Igreja pode sofrer derrotas, ser dizimada e humilhada, até a aflição e o tormento finais, dos quais Cristo falou no Evangelho; até o cerco da “cidade amada”, como afirma o Apocalipse. “Quando começarem a acontecer essas coisas, erguei-vos e levantai a cabeça, pois está próxima a vossa libertação” (Lc 21,28).

Na história da Igreja, não se trata de uma luta favorável a ela, sobre a terra. Pois ainda que seus filhos lutem essa batalha, a Igreja, ela mesma – e com isso, também a sua “descendência” –, permanece no deserto até o fim dos tempos. Ali, e somente ali, ela se encontra protegida, conduzida pelas asas de Deus. O deserto é a sua terra prometida.

2. CUSPIDA E ALIMENTADA



Maria, a “Mãe-Igreja”, e, ao mesmo tempo, a “Mãe da Igreja” – ela pode ser as duas coisas, uma vez que, aos pés da cruz, junto ao discípulo amado, tornou-se a imagem e a célula originais da comunidade fundada pelo Crucificado, e ao mesmo tempo recebeu o apóstolo e, nele, todos os cristãos como filhos –, vivenciou antecipadamente, na discreta reclusão de sua vida terrena, tudo aquilo que os seus filhos mais tarde viverão, na forma de agruras e consolos ao longo da história. Aquilo, por exemplo, que o apóstolo Paulo anuncia, em alto e bom som, que o seu próprio destino é um modelo para todos – que ele, apesar de fraco, desprezado, apátrida, com efeito julgado como sendo a escória do mundo, mesmo assim jamais se sentiu abandonado, jamais desesperado ou aniquilado –, pode ser pressentido, em tonalidades bem mais contidas, na vida de Maria.

Como terá ficado sua situação quando as pessoas mais próximas ficaram sabendo de sua gravidez, sobre a qual ela não tinha falado palavra alguma? Pois certamente não foi apenas José quem ficara sabendo do fato, antes que comessem a conviver sob o mesmo teto, mas

também outras pessoas que, ao contrário do noivo, deixaram a língua correr solta. E para estes, de que adiantou José ter sido instruído, em sonho, a recebê-la em casa como sua esposa? O escândalo surgido em torno a ela e, com isso, também em torno a seu filho não desapareceu depois disso. Nem José terá conseguido dar nenhuma explicação capaz de acalmar os ânimos. Aos poucos, porém, a poeira foi baixando, e as pessoas se conformando com o fato de que essa criança devia ser, afinal, filho de José. Em todo caso, muitos pensaram que, tão logo chegassem os “dias da purificação” da mãe, ela com certeza teria necessidade de participar dessa cerimônia “prescrita pela Lei de Moisés” (Lc 2,22). Não podemos saber se Maria, mesmo mais tarde, talvez até se mudar para a casa de João, não teria sofrido certa desconfiança da parte das pessoas.

É, no entanto, evidente que, desde o início da vida pública de Jesus, ela teve de viver em grande proximidade com os seus parentes, que, como relata João, não acreditavam nele, embora o instigassem a realizar milagres publicamente, talvez para ganhar algum dinheiro com ele (Jo 7,3). Mas, uma vez que ele estava indo longe demais e conduzindo as coisas ao seu modo, “os seus [...] saíram para detê-lo, porque diziam: ‘Enlouqueceu!’” (Mc 3,20s). Maria está no meio dessas pessoas; ela vem junto com elas para vê-lo; Jesus é informado de que sua Mãe e seus parentes estão lá fora, a chamá-lo, mas ele as deixa do lado de fora da porta, até voltarem para casa, sem nada conseguirem (Mc 3,31ss). Devemos procurar imaginar o que pode ter passado na intimidade do pensamento de sua Mãe: “Será que eu não conto mais para ele? Ele me deixou esperando?”. Ela escuta uma quantidade de rumores parcialmente distorcidos, e certamente não recebeu nenhuma carta da parte dele; vive em um deserto de preocupações e angústias. Não sabemos de que maneira o Espírito Santo, que um dia a havia coberto com sua sombra, alimenta-a nesse deserto. Provavelmente, porém, ela era alimentada, acima de tudo, com aquilo que havia de mais fecundo: a noite dos sentidos e do espírito, até chegar à fé mais pura e despojada, que, por fim, tornou-a capaz de testemunhar o horror da crucificação do seu Filho, e de não apenas perdê-lo, mas também ser consignada a um outro como Mãe, em um solene testamento.

Certamente ela teve as alegrias de uma mãe com seu filho, pequeno e indefeso, que aos poucos ia crescendo; milhares de imagens da Madonna

descrevem isso à exaustão. Mas quem terá sido capaz de pintar para nós a mulher solitária, atravessando dias intermináveis de angústia e temor, e que, sem dúvida, não entendia o que estava realmente acontecendo? Ela ouvira falar da espada que atravessaria sua alma. Mas não podia prever de que modo seria o seu sofrimento. Quando se deu um primeiro incidente, em que o menino de doze anos deixou seus pais sem nenhum aviso e, em seguida, com uma suave repreensão, afirmou que eles tinham a obrigação de saber que o seu lugar era no Templo: eles não entenderam. Não se pode imaginar que, logo após, durante seu caminho de volta a Nazaré, ele lhes tenha dado uma explicação que minimizasse sua incompreensão. É suficiente o fato de que ele “lhes era submisso”.

E certamente nos é afirmado por duas vezes, nos relatos sobre a infância, que ela conservava no coração tudo o que era dito sobre o seu filho, bem como tudo o que ele próprio dizia, e sobre isso meditava constantemente. Na segunda passagem, porém, isso está escrito no versículo seguinte àquele onde lemos que “eles não compreenderam a palavra que ele lhes dissera”. Ela reflete, assim, sobre qual o significado daquilo que ela não compreende. E não faria isso se não soubesse que a natureza e o destino desse jovem eram algo de único, e que seriam adequadamente revelados no futuro. Porém, assim como Jesus não antecipava o destino a ele reservado, mas deixava-se conduzir a cada dia por seu Pai, tampouco sua Mãe anteciparia alguma coisa do que estava por vir; era inerente à sua fé (a plenitude da fé de Abraão) aceitar sempre e apenas aquilo que Deus colocasse para ela. Isso está de acordo com as bem-aventuranças pobreza de espírito e pureza de coração: o coração e o espírito se esvaziam hoje, dando espaço para que Deus e o seu Reino sejam contemplados. Seria estranho se Maria renegasse sua experiência de fé terrena e passasse, então, a dar revelações proféticas sobre o futuro (como a conversão da Rússia etc.).

O paradeiro indicado por Deus à Mulher é o deserto, e Ele próprio se encarrega de levá-la até lá sobre suas asas de águia. Ao longo da história, a Igreja tem de perceber que recebe o alimento suficiente da parte de Deus, para não perecer no deserto, e mantém-se longe o bastante da Serpente que a persegue, para não ser arrastada pelo seu vômito. Isso deve bastar para ela.